



AS MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Francisco Edson de Freitas Lopes

Universidade Federal de Campina Grande
E-mail: edson.freitas9@hotmail.com

Alyne Ferreira de Araújo

Universidade Federal de Campina Grande
E-mail: alynef_araujo@hotmail.com

Resumo do artigo: O objetivo deste artigo é analisar a concepção de *Inteligências Múltiplas*, proposta pelo teórico Howard Gardner em 1983, bem como a reflexão acerca do trabalho com os diversos tipos de aprendizagem em sala de aula de língua inglesa no contexto da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Perceber como as várias inteligências dos aprendizes interferem, de forma positiva ou negativa, no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, permite ao professor estar preparado para detectar e auxiliar os alunos nas dificuldades de aprendizagem que de alguma maneira estejam relacionadas aos aspectos das diversas inteligências. Atualmente, o ensino adotado na modalidade EJA tem o intuito de trabalhar com os alunos que, às vezes, dispõem de pouco tempo para estudar ou apresentam algum déficit de aprendizagem. Dessa forma, já que se trata de um público diferenciado, o professor deve pautar o ensino de modo a identificar e explorar as potencialidades de cada aluno, e não fazer uso de técnicas tradicionais que não levam em conta os estilos de aprendizagem dos alunos. Nesse contexto, pesquisas baseadas nos conceitos de Gardner (1983) mostram que há diversos tipos de habilidades e que o professor não deve privilegiar uma ou outra inteligência no processo de ensino-aprendizagem, mas sim abordar um conjunto de inteligências possíveis, uma vez que em sala de aula, muitas serão as possibilidades de aprender por parte dos estudantes. Para tanto, torna-se necessário que o docente de língua inglesa, nesse contexto, conheça cada uma das inteligências e analise sua contribuição em sala de aula, avaliando se esta tem sido direcionada a todos os alunos, de maneira a contemplar atividades que possam ser aplicadas a cada tipo de aprendiz. Ao longo deste artigo, serão discutidas ideias teóricas de Howard Gardner (1983), bem como serão apresentados dados de uma pesquisa quantitativa que objetivou conhecer o perfil de alunos do Ensino Médio da modalidade EJA de uma escola pública da Paraíba, a qual por meio de um questionário traçou os tipos de inteligências predominantes, com objetivo de possibilitar ao professor compreender cada tipo de aprendiz segundo seu estilo de aprendizagem.

Palavras-chave: Inteligências múltiplas, Educação de Jovens e Adultos (EJA), Ensino, Língua Inglesa.

INTRODUÇÃO

É possível perceber em uma sala de aula que nem todos os alunos têm as mesmas habilidades e preferências e nem sempre aprendem da mesma forma, muito menos possuem um bom desempenho em todas as áreas. Alguns gostam de escrever, outros de desenhar, ou tocar algum instrumento musical. Uns têm excelentes notas em línguas, mas baixo



desempenho em matemática e vice-versa. São os diferentes estilos de aprendizagem e os diferentes tipos de inteligência se destacando na sala de aula regular, o que requer do professor atual novas formas de ensinar de maneira a compreender e integrar os diversos estilos de aprendizes por meio de atividades diversificadas conforme o perfil de cada sujeito-aprendiz.

Esses múltiplos estilos de aprendizagem se tornam ainda mais comuns em classes da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), visto que, a maioria delas é composta por alunos de faixa etária superior e com carga excessiva de trabalho diurno (por isso a opção pela modalidade que, geralmente, é oferecida à noite) e ainda há alguns alunos que apresentam déficit de aprendizagem, não conseguindo acompanhar o ensino regular da mesma forma que os demais alunos. Nesse contexto, o professor vê-se diante de um cenário novo que compõe a atual educação inclusiva, e deve, portanto, desenvolver estratégias que permitam desenvolver seu trabalho de maneira eficiente ao trabalhar com a diversidade dos saberes, de modo a incluir todos no processo de ensino e aprendizagem e dar-lhes condições de desenvolvimento. Em outras palavras, o EJA surge como um espaço destinado às diferentes maneiras de aprender e, conseqüentemente, propício aos diferentes tipos de aprendizes.

Em contrapartida, a perspectiva inclusiva da modalidade tem sido escanteada devido o fato de que o propósito e contexto de ensino dos sujeitos contam com necessidades mais específicas e, na maioria das vezes, as condições disponíveis não são ideais para o desenvolvimento do trabalho docente. Em outras palavras, o aluno da EJA tem como objetivo principal terminar os estudos e conseguir a formação que lhe possibilite a entrada no mercado de trabalho, entretanto, o conteúdo adquiridos em sala de aula e a forma de abordagem deste está muitas vezes distante desse propósito, o que torna o aprendizado mais difícil e, conseqüentemente, o aprendiz é tido como incapaz de aprender. Desse modo, não há a busca de estratégias que visem adaptar o ensino aos diferentes tipos de aprendizagem e este permanece sendo concebido de forma tradicional, com tratamento igual de aprendizes que evidentemente não aprendem de uma mesma maneira, uma vez que todos possuem inteligências de aprendizagem diferentes.

Dessa forma, considerando a heterogeneidade existente no processo de ensino-aprendizagem, principalmente na modalidade de ensino EJA, o objetivo deste trabalho é analisar a importância da reflexão acerca das múltiplas inteligências e como estas podem beneficiar o ensino de língua inglesa, tendo por objetivo uma educação mais inclusiva que vise mostrar ao aluno que a escola não somente aceita seu estilo diferente de aprender, como também valoriza os conhecimentos que ele traz consigo e, ainda os ajudará a potencializá-los.



Ademais, este artigo propõe-se a apresentar dados de uma pesquisa quantitativa realizada por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) em uma escola pública da cidade de Cajazeiras-PB, a qual por meio de um questionário propôs compreender o(s) tipo(s) de inteligência(s) predominante nos estudantes, a fim de melhor direcionar a prática docente em sala de aula de modo inclusivo e a pensar, no contexto de língua inglesa, acerca do uso de atividades que contemplem essas diferentes formas de ensinar e aprender numa perspectiva apresentada por Howard Gardner (1983).

METODOLOGIA

Este artigo é fruto de uma pesquisa realizada durante o Curso de Graduação em Letras Língua Inglesa, do Centro de formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, desenvolvida pelo Subprojeto de Língua Inglesa do PIBID na cidade de Cajazeiras, Paraíba. O projeto PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência) é um programa do governo federal que objetiva ao futuro docente pesquisar, observar e atuar no contexto de sala de aula, tendo como objetivo a iniciação da prática docente, bem como o aperfeiçoamento das estratégias adquiridas na universidade em consonância com o contexto escolar.

A escolha desta temática, por sua vez, deu-se pelo desejo dos pesquisadores de aprofundarem-se melhor na problemática existente, sobretudo no âmbito do ensino de língua inglesa na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em escolas públicas brasileiras, visando um embasamento teórico-crítico para a promoção de uma melhor prática docente. Para tanto, optou-se por uma pesquisa de caráter quantitativo, aliada a revisão bibliográfica do tema, visto ser a teoria um importante elemento para uma melhor compreensão da questão, especialmente porque os pesquisadores vivenciaram as práticas docentes que envolvem as questões relativas à EJA a partir de uma atuação em uma escola pública da região, e diante das dificuldades e diversidades de estilos de aprendizagem encontrados, os pesquisadores sentiram a necessidade de entender melhor a teoria das Múltiplas Inteligências, de maneira usá-la na sala de aula. Desse modo, o aporte teórico possibilitou uma visão mais apurada do assunto e de outra perspectiva, ou seja, aquela de quem está sendo qualificado para atuar no ensino de língua inglesa, nas diferentes modalidades. Diante disso, a riqueza de informações coletadas através das leituras, promoveu um olhar mais crítico acerca da problemática sobre a qual se deseja atuar de forma a corrigir as atuais práticas, muitas vezes ineficientes quanto à aprendizagem dos alunos.



Naturalmente que o foco deste trabalho está exatamente no levantamento de informações que se tornaram conhecimento e ações práticas, uma vez que os pesquisadores já atuam como profissionais de ensino de língua inglesa. Entretanto, também foi desenvolvida uma pesquisa quantitativa por meio de um questionário, *Inventário das Inteligências Múltiplas* (IIM), instrumento criado por Armstrong (2001), formando um constructo de múltiplas escolhas e que foi aplicado pelos pesquisadores em 20 alunos matriculados no Ensino Médio, na modalidade EJA de uma escola pública na cidade de Cajazeiras-PB. Os dados apresentados baseiam-se no questionário aplicado e servem de base ao professor para uma definição acerca de quais tipos de inteligências estão presentes em sala de aula, e de auxílio no desenvolvimento de estratégias apropriadas ao trabalho com as múltiplas inteligências que se apresentam no processo de ensino-aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante muito tempo, acreditava-se na existência de uma inteligência única que poderia ser medida através de testes que se limitavam a abordar as habilidades linguística e lógico-matemática. Foi nesse cenário que, na década de 1983, Howard Gardner, psicólogo e pesquisador da Universidade de Harvard, propôs a teoria das Múltiplas Inteligências. Para Gardner, inteligência “[...] é a capacidade de resolver problemas e criar produtos que sejam valorizados dentro de um ou mais cenários culturais” (GARDNER, 1983, p.14). Na perspectiva do autor, não existe apenas um tipo de inteligência, mas várias. Todavia, nem sempre um indivíduo consegue desenvolvê-las igualmente ao longo da vida, embora todos nasçam com o potencial das várias inteligências. Nesse contexto, o ambiente é um fator determinante, pois é a partir dos estímulos externos e do meio circundante que uma ou algumas habilidade se sobrepõem sobre outras.

Gardner (1983) ainda afirma que cada inteligência deve ser entendida como um sistema próprio com suas próprias regras. Entretanto, na concepção do teórico, elas não trabalham de forma isolada, para resolver um problema sempre mais de uma inteligência será envolvida. Por exemplo, para resolver um cálculo matemático, o aprendiz também precisará fazer uso da inteligência linguística, embora a lógico-matemática seja predominante. Em outras palavras, as múltiplas inteligências se integram, interagem uma com a outra.

Considerando a teoria das múltiplas inteligências, Gardner (1983) ressalta que se os indivíduos apresentam perfis cognitivos diferentes, o modelo de ensino padronizado da escola



deveria ser substituído por um ensino que favorecesse o potencial individual de cada aluno. Lago (2010, p. 21) também reflete a este respeito:

O sistema escolar tem tradicionalmente enfatizado o desenvolvimento e aperfeiçoamento basicamente de dois tipos de inteligência: a linguística e a lógico-matemática enquanto os outros tipos de inteligência vêm sendo negligenciados. Como resultado dessa tendência, os alunos que não se identificam com nenhuma dessas inteligências podem ficar impedidos de desenvolver suas verdadeiras potencialidades por não terem sido estimulados e nem ao menos terem recebido oportunidades adequadas no decorrer do processo ensino-aprendizagem no qual estavam inseridos.

A desarmonia do ensino da escola com os estilos cognitivos dos aprendizes, apontada primeiramente por Gardner (1983), e posteriormente por Lago (2010) pode ser um forte fator para o fracasso e desestímulo da maioria dos alunos, principalmente quando se fala na modalidade EJA. Quando os alunos não se identificam com nenhuma das habilidades trabalhadas na escola, eles se sentem incompetentes e alheios aquele ensino que se torna distante da realidade do aluno e conseqüentemente insignificante, o que leva a falta de motivação em aprender. Isso acarreta em um baixo desempenho dos discentes que logo são rotulados como menos “inteligentes”. No entanto, como bem frisa Lowes e Target (1998, p. 29, tradução nossa): “Não é uma questão de ser mais ou menos inteligente numa simples escala. É uma questão de ser inteligente de diferentes maneiras”.¹

Assim, Gardner (1983) defende que o ensino seja centrado na individualidade de cada aluno, considerando seus tipos de inteligências. Muitos autores defendem que a Teoria das Múltiplas Inteligências apresenta subsídios para que os professores motivem e envolvam os alunos no processo de aprendizagem, o que seria essencial na modalidade EJA visto que os alunos são facilmente desmotivados pelo cansaço proveniente da extensa carga horária de trabalho diurno atrelada a carga horária de estudos no período noturno. Na concepção de Smole (1999, p. 16):

São inúmeras as possíveis contribuições de uma teoria como as das inteligências múltiplas para a prática escolar. Da organização do trabalho do professor à reflexão acerca do planejamento curricular, ou ao papel da comunidade na escola, muitas coisas podem ser revistas, confirmadas ou modificadas.

Dessa forma, é dever do professor identificar os tipos de inteligências de seus alunos para planejar aulas em conformidade com as habilidades e preferências dos discentes. A teoria de Gardner possibilita olhar de maneira mais ampla para o aluno, e perceber que sua

¹ It is not a matter of being more or less intelligent along a single scale. It is a question of being intelligent in different ways (LOWES; TARGET, 1998, p. 29).

inteligência não se limita às habilidades linguísticas e matemáticas, mas pode transcendê-las, porém Smole (1999, p. 22) destaca que:

Não se trata de olhar o aluno de modo relativista, nem conformista, ou ainda de maneira paternalista, mas de assumir as diferenças e buscar trabalhar com elas, fazendo com que a inteligência, uma vez democratizada, seja usada a favor do aluno, e não contra ele.

Lowes e Target apresentam um modo de como o professor atingir a todos os estilos cognitivos na sala de aula, de forma efetiva, assim conforme os autores:

É útil considerar os estilos de aprendizagem ao planejar as aulas e tentar fornecer atividades que sejam adequadas a diferentes estilos. Se houver um bom equilíbrio de atividades: leitura, exercícios de gramática, diálogos, descrição de imagens, atividades de audição; deverá haver algo que atraia a todos (LOWES; TARGET, 1999, p. 26, tradução nossa).²

Em outras palavras, é importante que o professor tenha consciência de que existem diferentes estilos de aprendizagem e diferentes tipos de inteligências para que possa trabalhar atividades que se adequem as diferenças individuais de cada aluno, para que todos se envolvam, efetivamente, no processo de aprendizagem e possam desenvolver as habilidades a que são propícios e, sobretudo, ver a aprendizagem como um processo prazeroso.

Quanto ao ensino de Língua Inglesa, é notável que várias são as barreiras que dificultam esse processo tanto no ensino regular como na modalidade EJA, tais como: um grande número de alunos por turma, níveis de proficiência distintos, carga horária insuficiente, recursos físicos necessários escassos e muitas vezes, os professores com baixo nível de proficiência (AMARAL, 2009). Contudo, um problema de caráter mais sério tem prejudicado, acentuadamente, a aprendizagem, o qual consiste na desmotivação dos discentes. Muitos estudantes, principalmente da EJA falam que não tem habilidade para aprender inglês, que nunca conseguirão tal feito, pois já estão “velhos”, não conseguem fazer as atividades, não conseguem se comunicar, não compreendem com fluência e não vêem sentido em aprender a língua estrangeira. Nesse cenário, a Teoria das Múltiplas Inteligências pode intervir de forma benéfica, pois se o professor aplicar tal teoria nas aulas de Língua Inglesa poderá desenvolver procedimentos e técnicas que atraiam os alunos, que facilitem a aprendizagem deles.

Nesse contexto, o professor precisa conhecer cada inteligência, bem como buscar formas e estratégias de trabalhar com as mesmas em sala de aula, motivo pelo qual este

² It is helpful to consider learning styles when planning lessons and try to provide activities that cater for different styles. If there a good balance of activities: reading, grammar exercises, dialogues, describing pictures, listening to tapes, there should be something that appeals to everyone (LOWES; TARGET, 1998, p. 26).



trabalho pretende discorrer brevemente sobre cada tipo de inteligência e o trabalho que envolve cada uma delas. As múltiplas inteligências; a saber: “Inteligência Linguística”, “Inteligência Corporal Sinestésica” “Inteligência Lógico-Matemática”, “Inteligência Espacial”, “Inteligência Musical”, “Inteligência Interpessoal”, “Inteligência Intrapessoal” e a “Inteligência Naturalista”; foram propostas por Howard Gardner (1983) e servem como ferramenta para o trabalho inclusivo em sala de aula, visto que trabalha com as múltiplas possibilidades de se aprender, conseqüentemente, lidando com as diversas maneiras de aprendizagem por parte do sujeito-aluno, assim o docente poderá preparar aulas e materiais que favoreçam a todos os aprendizes.

O primeiro tipo de inteligência elencado neste artigo é a “linguística”, a qual se refere à habilidade de lidar criativamente com a linguagem oral e escrita. É a capacidade de convencer, agradar, transmitir ideias, contar histórias, explicar conceitos e regras, etc. Indivíduos com esse tipo de inteligência são bons em leitura, escrita, oratória, memorização de palavras, regras, além de terem sensibilidade para sons e ritmos. Assim, estes aprendizes podem facilmente aprender línguas estrangeiras. Essa inteligência é notável em escritores, professores, advogados, jornalistas, filósofos e políticos. Na sala de aula de Língua Inglesa, para desenvolver os talentos e habilidades destes aprendizes, o docente pode trabalhar confecção de cartazes, *role-play* de diálogos, produção de entrevistas, dramatização, encenação de jornais, debates, discursos, palestras, seminários, atividades nas quais os alunos podem desenvolver as habilidades de escrita e fala.

Já a inteligência “lógico-matemática” que, ao contrário do que muitos pensam, não necessariamente se apresenta em indivíduos com inteligência linguística, a exemplo da maioria dos mestres de obras que embora sejam analfabetos, possui uma capacidade de raciocínio impressionante, uma vez que esta inteligência é concebida através da relação que o indivíduo tem com o espaço e os objetos ao seu redor. Este tipo de inteligência é manifesto através de uma habilidade para lidar com cálculos, capacidade de perceber a geometria nos espaços e satisfação na resolução de problemas lógicos. Dessa forma, no contexto da língua inglesa, os aprendizes lógico-matemáticos não visualizam o sentido do que se faz sem que haja uma compreensão própria do conteúdo, ou seja, precisão nas informações. Para este tipo de aprendiz, a tradução de textos se faz necessária para que o aprendiz se sinta confortável na aprendizagem da língua alvo.

Os aprendizes adoram experimentar, questionar e possuem maior facilidade de aprendizagem com a solução de quebra-cabeças e problemas, assim como por meio de explicações lógicas. O estudo da gramática da língua também se constitui como uma



preferência dos aprendizes, os quais acreditam serem os padrões gramaticais (estruturas e regras) a base da aprendizagem de línguas. Assim, o professor de língua inglesa pode utilizar-se em sala de atividades com foco gramatical, a saber, exercícios que envolvam classificação de vocabulário e regras gramaticais, bem como bingos, charadas, demonstrações experimentais e enigmas lógicos.

A inteligência “sinestésica” por sua vez consiste na habilidade de usar o corpo para resolver um problema, expressar sentimentos e ideias e praticar um esporte. As pessoas que possuem essa inteligência aprendem melhor através de atividades ativas que exigem movimentos físicos. Rapidez, flexibilidade e equilíbrio caracterizam os aprendizes sinestésicos, os quais conseguem controlar os movimentos do próprio corpo e manipular objetos facilmente. Esses aprendizes lembram melhor daquilo que eles fazem ou tocam. Indivíduos com essas habilidades tendem a seguir carreiras como atletas, dançarinos, atores, soldados, médicos, etc. Quanto às aulas de Língua Inglesa, o docente deve aproveitar essa disposição física dos alunos para envolvê-los em atividades como dramatização, dança, mímica. Um método que pode ser bem eficaz para estudantes sinestésicos é o Resposta Física total, no qual os discentes respondem a uma série de comandos físicos. Um jogo bastante conhecido e útil a esse contexto é o *Symon says*.

Por sua vez, a inteligência “visual-espacial” está ligada ao sentido da visão e a noção que se tem de espaço. É a capacidade de perceber o mundo visual e espacial de forma precisa. Indivíduos com essa inteligência predominante têm a habilidade de manipular formas ou objetos mentalmente e, a partir de suas percepções, criar o equilíbrio e a composição numa representação visual-espacial. Este tipo de inteligência é característico de estudantes com memória visual bem desenvolvida os quais apresentam uma boa noção de direção e coordenação motora.

Esse tipo de aprendiz adora planejar, desenhar, visualizar e rabiscar, costuma ser um bom observador e gosta de observar figuras, filmes e apresentações em slides. Possui uma boa imaginação visual que lhe permite entender gráficos e diagramas facilmente. Quando estimulado, o estudante que possui essa inteligência pode desenvolver habilidades artísticas. Geralmente aprendem por meio de atividades com cores, desenhos, mapas, jogos para noção de espaço, apresentações visuais e vídeos.

Outro tipo de inteligência é a “musical” que, caracterizada pela sensibilidade ao ritmo, melodia, audição e entonação, embora possua mecanismos funcionais diferentes, está ligada à inteligência linguística, uma vez que ambas se desenvolvem logo cedo durante a infância. Na fase inicial, as crianças somente balbuciam e tendem a cantar, seguir ritmos e imitar sons, no



entanto, a partir do início da fala, o indivíduo perde essa capacidade musical espontânea e passa a desenvolver com maior eficiência a inteligência linguística. É comprovado que a maioria das pessoas que possui dificuldades linguísticas na fala, por exemplo, conserva uma habilidade musical e vice-versa, o que ressalta o desenvolvimento múltiplo e simultâneo dessas inteligências.

Este tipo de inteligência se manifesta através de uma habilidade para apreciar, compor, reproduzir peça musical, perceber temas musicais, produzir e/ou reproduzir música; sensibilidade para ritmos, melodia e timbre; capacidade de compreender e transmitir tons e notas musicais. Ainda, pessoas que possuem esta inteligência são extremamente sensíveis à linguagem sonora do meio ambiente, conseguindo percebê-la com facilidade e até transportá-la para as composições. Assim, a percepção da sonoridade nos textos literários e a possível construção de poemas e músicas são comuns aos indivíduos que apresentam uma capacidade musical aguçada.

Os indivíduos de inteligência musical compreendem de forma mais natural os enunciados falados, pois estes são sensíveis aos elementos presentes tanto na fala como na música. O interesse em ouvir, cantar e até mesmo produzir música na língua alvo é extremamente eficaz no aprimoramento da pronúncia e também na aquisição de vocabulário. Os alunos geralmente aprendem ouvindo e cantando músicas, praticando a pronúncia e percebendo as *rhyming words* nos textos.

No contexto do ensino de língua inglesa, os indivíduos desenvolvem uma facilidade maior de captar e reproduzir os sons do idioma com seus padrões próprios. O ensino da língua por meio de atividades de *listening* se torna imprescindível nesse caso e principalmente quando se é trabalhado música em sala de aula. Além de permitir ao professor motivar os alunos a aprenderem, o uso da música dará margem para despertar outras inteligências nos aprendizes, como a corporal-sinestésica.

Quanto à inteligência “interpessoal”, esta é manifestada em indivíduos que estão inseridos em um círculo de interação com outras pessoas que lhe permita construir conhecimentos. Esses aprendizes são sensíveis aos sentimentos, humores e temperamentos alheios e interessados no que os outros pensam. Esta inteligência é caracterizada pela capacidade de observar e fazer distinções entre outros indivíduos.

Em um ambiente comunicativo, os aprendizes se caracterizam com líderes, solidários e com capacidade para a cooperação no trabalho em equipe. Aprendem melhor quando estão em grupos, discussões e debates, e se constituem como bons mediadores. Assim, o professor deve



propor atividades que permitam a esse tipo de aluno a interação com os demais, sejam atividades em grupo, círculos de conversa, diálogos, entrevistas e role-plays.

Por outro lado, a inteligência “intrapessoal” está relacionada com a introspecção do indivíduo e sua capacidade de autorreflexão. É o reconhecimento de habilidades, necessidades, desejos e inteligências próprias, na qual o indivíduo tem acesso aos sentimentos, sonhos e ideias, com o objetivo de usá-los na solução de problemas pessoais. Os indivíduos que a possuem são tipicamente introvertidos e preferem trabalhar sozinhos.

Os aprendizes geralmente são sonhadores e imaginários, donos de ideias originais, os quais pensam profundamente e se conhecem bem. Apresentam afinidade com assuntos ligados ao pensamento como a Filosofia e à compreensão do ser humano como a Psicologia. Só aprendem mediante concentração no assunto, o que envolve muito estudo quando estão sozinhos. São indivíduos com um alto grau de perfeccionismo e senso de organização e desenvolvem suas habilidades quando estimulados a trabalharem em projetos e trabalhos individuais.

Neste cenário, este trabalho busca conhecer a teoria acerca das múltiplas inteligências, bem como acerca da pesquisa quantitativa desenvolvida pelos pesquisadores com 20 alunos matriculados no Ensino Médio, na modalidade EJA de uma determinada escola pública da região. Esta teve como objetivo levantar dados acerca da predominância de um ou mais tipos de inteligências no processo de ensino de língua estrangeira. Os seguintes dados baseiam-se no questionário aplicado e serviram de base para uma definição de estratégias apropriadas ao trabalho com as múltiplas inteligências que se apresentam no processo de ensino-aprendizagem. Analisados os dados, os resultados mostram que: dos 20 alunos que participaram da pesquisa, 9 demonstraram ter a Inteligência Linguística, 2 a Inteligência Lógico-Matemática, 1 a Inteligência Espacial, 5 a Inteligência Corporal Sinestésica, 3 a Inteligência musical, 3 a Inteligência Interpessoal, 6 a Inteligência Intrapessoal, e 3 a Inteligência Naturalista.

Os resultados obtidos nesta pesquisa são preliminares e merecem um estudo muito mais aprofundado, contudo, mostram como já previsto, uma diversidade de preferências e formas de aprendizagem, e não poderia ser diferente, pois vivemos em uma sociedade heterogênea, com uma infinidade de comportamentos, pensamentos e pontos de vista. Em relação ao processo de ensino e aprendizagem de língua Inglesa, os resultados da pesquisa levam a refletir o fato de que as aulas têm que ser melhor planejadas, a fim de alcançar essa variedade de preferências e estilos de aquisição do conhecimento. É necessário inovar a cada



dia a prática pedagógica, criando maneiras diferentes de trabalhar o conteúdo, a fim de que o aprendizado de fato aconteça.

CONCLUSÃO

Considerando o exposto até aqui, pode-se afirmar que, no contexto atual de ensino-aprendizagem de língua inglesa, a aprendizagem da língua estrangeira tem sido restrita a alunos com determinadas inteligências em detrimento de outras. Pesquisas baseadas nos conceitos da *Teoria das Inteligências Múltiplas*, proposta Howard Gardner (1983), demonstram que o professor não deve privilegiar uma inteligência em detrimento de outra no processo de ensino, mas sim abordar um conjunto de inteligências possíveis, visto que em sala de aula, serão amplas as possibilidades de aprendizagem por parte dos diversos aprendizes existentes. Segundo Gardner (1983), todas as pessoas possuem diferentes tipos de inteligência, entretanto, em cada indivíduo elas se desenvolvem em diferentes graus, ou seja, umas são desenvolvidas com maior eficiência que outras. Assim, cada indivíduo tem a possibilidade de trilhar caminhos próprios para o seu aprendizado, já que nem todos os caminhos são apropriados para o sucesso na aprendizagem de todas as pessoas. No tocante a modalidade EJA, esta compreensão do trabalho com as Inteligências Múltiplas culmina para abrir mais espaço para o desenvolvimento de uma educação inclusiva, uma vez que, quando se pensa nas diferentes formas de ensinar visando uma aprendizagem diferente por parte de um sujeito que possui um estilo distinto de se apropriar do conhecimento, fala-se em propor atividades inclusivas que reiterem ao aprendiz que a forma pela qual ele aprende é válida e pode e deve acontecer efetivamente. Alunos mais experientes que buscam aprender na EJA como, por exemplo, pedreiros, carpinteiros e cozinheiras, com certeza, apresentarão formas diferentes de fazer operações matemáticas, definir medidas de espaço, peso e quantidade das formas tradicionais. Isto ocorre devido às experiências adquiridas durante a vivência de cada um deles e influenciará na forma como aprendem e passam seu aprendizado.

Com relação ao ensino de língua inglesa, muitos alunos da EJA não demonstram dar tanta importância visto que a disciplina não se encaixa em seus propósitos futuros, ou seja, a maioria que estuda para obter a formação e ingressar no mundo do trabalho não consegue ver sentido nem muito menos a necessidade de utilizar a língua estrangeira. Para tanto, torna-se necessário que o professor de língua inglesa utilize-se de atividades propícias para mostrar aos discentes o propósito de estudo da língua e como ela está presente em suas vidas. Ademais, torna-se fundamental que o docente conheça cada uma das inteligências que podem se

apresentar em uma sala de aula e analisar como contribuir de maneira a contemplar atividades e estratégias que possam ser aplicadas a cada tipo de aprendiz em diversos contextos de aprendizagem, possibilitando, dessa forma, uma educação mais inclusiva e baseada na grandiosa diversidade que é o contexto escolar.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **As inteligências múltiplas e seus estímulos**. 8 ed. Papirus Editora, 2002.
- ARMSTRONG, Thomas. **Inteligências múltiplas na sala de aula**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CELCE-MURCIA, Marianne (ed.). **Teaching English as a Second or Foreign Language**. United States of America: Heinle, Cengage Learning, 2001.
- GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: a Teoria na Prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- HARMER, Jeremy. **The practice of English Language Teaching**. Excess: Logman, 2007.
- HARMER, Jeremy. **How to teach English**. England: Pearson Education Limited, 2010.
- LAGO, Andreza. **Jogos divertidos para a sua aula de inglês**. São Paulo: DISAL, 2010.
- LOWES, Riclay and TARGET, Francescu. **Helping students to learn**. London: Richmond Publicing, 1998.
- MACHADO, Gabriela Felipe. **A Teoria das inteligências múltiplas em ação: o ensino de língua inglesa na educação infantil**. João Pessoa: universidade federal da Paraíba, 2011. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ccl/images/Documentos/TCCs/2010%20gabriela%20felipe%20machado%20%20a%20teoria%20das%20inteligencias%20mliptlas%20em%20ao%20o%20ensino%20de%20lngua%20inglesa%20na%20educacao%20infantil.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2014.
- OLIVEIRA, Luciano Amaral. Ensino de língua estrangeira para jovens e adultos na escola pública. In _____. **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: Conversas com especialistas**. LIMA, Diógenes Cândido de (org). Parábola Editorial, 2009.
- SMOLE, Kátia Cristina Stocco. **Múltiplas Inteligências na Prática Escolar**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação à Distância, 1999. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002751.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2014.